

**Migrantes de Calções e Chuteiras:
Dinâmicas Migratórias do Futebol Português**

**Carlos Nolasco
2010**

*O Cabo dos Trabalhos: Revista Electrónica dos Programas de Mestrado e
Doutoramento do CES/ FEUC/ FLUC. Nº 4, 2010*
<http://cabodostrabalhos/ces.uc.pt/n4/ensaios.php>

RESUMO

O futebol constitui-se como um dos mais importantes fenómenos sociais contemporâneos. Os resultados futebolísticos são mais do que vitórias ou derrotas de um jogo, traduzindo-se em ganhos e perdas culturais, políticas e económicas. No contexto competitivo em que o futebol procura maximizar resultados, torna-se obrigatória a busca de jogadores com aptidões que materializem em vitórias as aspirações de adeptos, clubes e investidores. É assim suscitado um intenso processo migratório em que futebolistas profissionais se deslocam entre países, determinando a forma como as competições decorrem. Com este texto pretende-se abordar o campo teórico relativo às migrações de futebolistas, bem como retratar este processo migratório em Portugal, observando os futebolistas estrangeiros que entram e os portugueses que saem. Considera-se a hipótese de que este processo sendo determinado pelas dinâmicas de globalização, o é também pela própria especificidade da sociedade portuguesa.

Palavras-chave: migrações; desporto; globalização

1. Introdução

Num contexto de intensa competição, que as dinâmicas de globalização acentuam, o futebol procura maximizar desempenhos, tornando imperativa a busca incessante de jogadores com características físicas, capacidades competitivas, competências técnicas e espírito vencedor que materializem em vitórias as aspirações de adeptos, clubes e patrocinadores. Quando esses jogadores não existem no espaço nacional, são procurados no estrangeiro, suscitando um intenso processo migratório. Tal como noutras áreas da actividade económica, onde se verifica uma elevada mobilidade internacional de trabalhadores, também o futebol é alimentado por uma intensa mobilidade internacional de jogadores. A incidência e impacto desta migração laboral de futebolistas torna-se sociologicamente relevante na actualidade.

O futebol português também não ficou indiferente a estas dinâmicas migratórias. Não sendo um processo recente, adquiriu, contudo, uma enorme visibilidade pelo número significativo de jogadores estrangeiros a representar clubes portugueses, bem como pelo elevado número de jogadores portugueses a representar clubes estrangeiros. Considerando que a realidade desportiva é determinada pelo contexto social que a envolve, consequentemente, a especificidade da sociedade portuguesa determina

especificidades no futebol praticado no seu espaço territorial. Com esta comunicação pretende-se, assim, analisar e retratar o processo migratório de futebolistas em Portugal, não apenas aqueles que entram, mas também aqueles que saem. Considera-se a hipótese de que todo este processo não é apenas condicionado e determinado pela dinâmica da globalização, mas também pela própria condição e especificidade da sociedade portuguesa no sistema mundo.

2. Globalização, migrações e futebol

Na Inglaterra do século XIX, por pressão do processo de industrialização e sob a lógica do capitalismo, dos jogos populares emergiu o desporto moderno, com todas as características que hoje lhe reconhecemos. Na sua origem, o desporto é um *localismo globalizado*, entendendo-se por este conceito um processo pelo qual determinado fenómeno local é globalizado com sucesso (Santos, 1997: 108); o desporto é precisamente um desses localismos bem sucedidos que, tendo origem num espaço local concreto, depressa se expandiu por todo o mundo de forma avassaladora. Com a criação de organizações desportivas internacionais, a intensificação de competições mundiais e a aproximação ao universo da política e da economia, o desporto foi tornando-se progressivamente um dos processos de globalização com maior visibilidade. Assim, a par de muitas outras representações metafóricas globalizadas que circulam nas paisagens mediáticas globais (Appadurai, 1990), também “podemos falar num *sportscape* como resultado da difusão do acontecimento desportivo, que pela sua intensidade ajudam a refazer o mundo como uma paisagem única” (Nolasco, 2002: 283). Nos últimos 150 anos, inserido nesta dinâmica, o futebol tornou-se o desporto universal, objecto de paixões verdadeiramente planetárias.

A partir do momento em que o tempo laboral perdeu o exclusivo sobre o tempo social dos indivíduos, passando a existir tempo para o lazer, começou a verificar-se disponibilidade para frequentar estádios, passando o público a exigir espectáculo e/ou resultados e, conseqüentemente, os atletas começaram a ser pagos para se esforçar na exacta medida das expectativas dos espectadores. O pagamento do esforço desportivo é a história do aparecimento de mais uma indústria, neste caso a industrialização do espectáculo desportivo.

Tal como noutros domínios, a naturalidade da competição transformou-se numa ideologia, onde mais do que jogar, o que interessa é ganhar, sendo que o resultado é agora o elemento final, o produto sensível da competição. Como a história recente

do futebol tem demonstrado, a vitória impõe-se como imperativo da prática desportiva (Murphy *et al.*, 1994). Numa lógica darwinista de sobrevivência, onde os mais fortes canibalizam os mais fracos, a vitória é o imperativo para se ser campeão, sendo que a derrota perpetua a despromoção. Face aos imperativos da competitividade, tornou-se essencial a aquisição de jogadores virtuosos, capazes de garantir resultados vitoriosos e atrair patrocínios. Assim, numa lógica de mercado, os jogadores mais populares, com mais perícia ou talento,¹ constituindo-se como um bem escasso,² são intensamente procurados pelos clubes, que deles se apropriam para manter o seu status de campeões ou adquirirem maior capacidade competitiva.

“Actualmente, a migração de talentos desportivos, como forma de trabalho atlético, é uma característica europeia e de uma cultura global. Este processo está relacionado com a mercantilização do desporto dentro da economia capitalista mundial” (Maguire e Pearton, 2000: 175). Quase todos os desportos são afectados por esta realidade, contudo, como Bale e Maguire referem, o processo migratório de trabalho desportivo é sem dúvida mais pronunciado no futebol (Bale e Maguire, 1994: 2).

Os factos são muito evidentes na hora de constatar os movimentos migratórios de futebolistas. Por exemplo, se observarmos, relativamente a 2004, os cinco principais campeonatos europeus de futebol, constatamos a assinalável percentagem de jogadores imigrantes que disputaram essas competições: Alemanha 46%; Inglaterra 44%; França 36%; Alemanha 46%; Itália 31%; Espanha 30% (Pedneau, 2005). Um outro elemento que nos permite constatar o significativo processo migratório de futebolistas corresponde às convocatórias feitas pelas 32 selecções nacionais qualificadas para a fase final do último Campeonato do Mundo de Futebol na Alemanha, em 2006. Dos 736 jogadores, 2 atletas não tinham clube, 325 jogavam em clubes do próprio país e 409 representavam clubes de outros países, ou seja, 55,6% dos jogadores de elite eram migrantes (FIFA, 2009).

No Verão passado, com o mercado de transacções futebolísticas aberto, todos os órgãos de comunicação social faziam manchete com notícias de negócios de jogadores transferidos, comprados ou emprestados. Esta realidade pode ser ilustrada

¹ Por talento entende-se o conjunto de capacidades, naturais ou adquiridas, do jogador que determinam o seu êxito. Se todos os outros factores determinantes para a contratação de um jogador permanecerem estáveis, considera-se que o talento é o factor determinante no estabelecimento do preço do jogador no mercado em causa (Sindicato de Jogadores Profissionais de Futebol, 1996).

² Se considerarmos os jogadores profissionais como os mais competentes e talentosos para o desenrolar do jogo, verificamos que esses são uma ínfima parte do enorme universo de futebolistas. Em 1998, calculava-se que, de um total de 162 milhões de futebolistas, apenas 1 em cada 3800 era profissional (Nys, 1998: 28), ou seja, apenas 0,03% do total de futebolistas era talentoso ou “qualificado”.

com emigrantes milionários como Cristiano Ronaldo, Kaká ou Karim Benzema³, mas também pode ser constatada na mais anónima das transferências.

3. As Migrações no Futebol Português

O Futebol português entendido como “entidade de contornos mais ou menos vagos que engloba tudo o que possa estar relacionado com as actividades e instituições ligadas ao futebol em Portugal” (Coelho, 2001: 63) ocupa um enorme espaço na vida social, monopolizando e manipulando as atenções e prioridades que determinam os ritmos da sociedade. Por exemplo, no ano de 2008, a palavra mais repetida na generalidade dos órgãos de comunicação social em Portugal, levando em consideração todas as temáticas, foi “futebol”, imediatamente seguida das palavras “Benfica” e “FC Porto”. Em 5º lugar aparece a palavra “Sporting” e em 13º lugar o nome do jogador “Cristiano Ronaldo”.⁴ Se tivermos em conta as audiências televisivas em 2008, a expressão “desporto-rei” aplicada ao futebol adquire todo o sentido porque, dos 15 programas com maior audiência, apenas 2 não se relacionavam com futebol. Também em 2006 e 2007, os programas com maior audiência em Portugal foram jogos de futebol.⁵

Em Portugal, como em qualquer outro país, fazem-se opções de identidade em função da cor de clubes, foge-se à previsibilidade do quotidiano na incerta excitação do resultado do jogo, grita-se e discute-se contra o outro, exibem-se bandeiras e, por vezes, vandalizam-se espaços públicos. Os órgãos de comunicação social dedicam enorme atenção ao fenómeno desportivo, atribuindo-lhe uma relevância que só muito excepcionalmente outra área da vida social possui. Os resultados desportivos são vistos e interpretados como diagnóstico do estado do país, sendo dominados pela frustração quando os resultados não correspondem às expectativas ou tomados pela excitação quando essas mesmas expectativas são ultrapassadas.

Não sendo intenção deste texto desenvolver uma caracterização do futebol em Portugal, servem os exemplos para ilustrar a importância e transcendência que o futebol tem na sociedade portuguesa. Nos anos mais recentes, Portugal tornou-se um país na encruzilhada de fluxos migratórios de jogadores de futebol. Esta

³ Por estes três jogadores o Real Madrid pagou um total de 194 milhões de euros no início da época futebolística de 2009/2010. O português Cristiano Ronaldo, melhor jogador do mundo em 2008, transferiu-se do Manchester United de Inglaterra por 94 milhões de euros. O brasileiro Kaká, eleito o melhor jogador do mundo em 2007, veio do Milan por 65 milhões de euros. Karim Benzema, francês, considerado o melhor jogador gaulês em 2008, transferiu-se do Lyon por 35 milhões de euros.

⁴ A primeira palavra não relacionada com futebol é a palavra “crise”, em 4º lugar (CISION, 2009).

⁵ Marktest (2009).

circunstância está associada a determinados factores, alguns dos quais já aqui referidos, nomeadamente os processos de globalização e a metamorfose do desporto em actividade económica. Daí decorrem outras realidades como por exemplo: a formalização do estatuto de agente de jogador, que ao representar os interesses do futebolista junto dos clubes, torna-se num promotor da sua mobilidade laboral e facilitador do processo migratório (Lanfranchi e Taylor, 2001: 5); a resolução, em 1995, do caso Bosman, que acabou com as limitações à utilização de jogadores estrangeiros pelos clubes das federações inseridas no espaço da União Europeia e, ainda, colocou termo às indemnizações de desvinculação sempre que um jogador, em final de contrato, mudava de clube (Maguire e Stead, 1998: 61).

Neste momento, o futebol em Portugal é jogado por um enorme contingente de jogadores estrangeiros que imigram para os clubes nacionais, ao mesmo tempo que, de forma algo paradoxal, uma quantidade significativa de jogadores nacionais emigra para clubes no estrangeiro. Para ilustrar esta realidade, apresentam-se em seguida dados relativos à época futebolística de 2008/2009, recolhidos nos websites oficiais dos clubes que participaram no Campeonato Nacional da Primeira Divisão, no website da Liga Nacional de Futebol Profissional e ainda do Sindicato Nacional de Jogadores Profissionais de Futebol.

3.1. Jogadores estrangeiros que imigram para Portugal

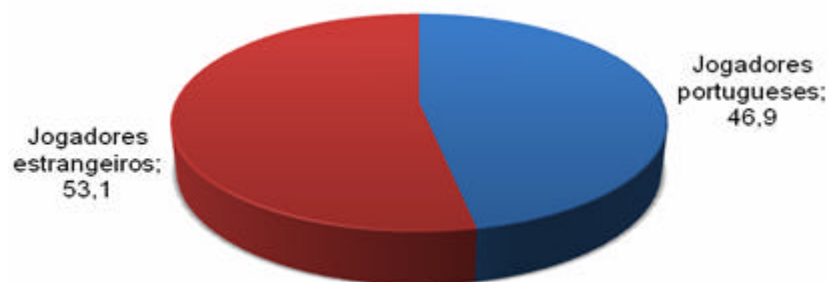
A época futebolística de 2008/2009 do Campeonato Nacional de Futebol da Primeira Divisão, também conhecido como Liga Sagres, foi disputada por 16 clubes, com um total de 439 futebolistas inscritos ao longo de toda a época.⁶ Do total de jogadores inscritos, 206 tinham nacionalidade portuguesa e 233 outras nacionalidades, o que perfazia uma relação de 46,9% de jogadores portugueses para 53,1% de jogadores estrangeiros.

Quando se observa a relação entre o número de jogadores nacionais e os jogadores estrangeiros, por clube, constatamos que todos os clubes têm nos seus plantéis futebolistas de nacionalidade estrangeira, sendo que o volume desses jogadores é bastante variável por clube. Como é possível observar no gráfico 2, 7 equipas tiveram um plantel constituído maioritariamente por jogadores portugueses, enquanto as restantes 9 equipas tiveram mais de metade dos jogadores com outras

⁶ É importante referir que ao longo da época os clubes podem vender ou comprar jogadores, o que faz com que o número de jogadores contabilizados no final da época seja diferente do número de jogadores contabilizados ao longo de todo ano futebolístico.

nacionalidades. Nos pólos desta dicotomia estão dois clubes em circunstâncias exactamente simétricas, ou seja, enquanto no Estrela da Amadora, 67,9% dos jogadores são portugueses e 32,1% são estrangeiros, no Nacional da Madeira a proporção é contrária, ou seja, 25,9% dos jogadores são portugueses e 74,1% são estrangeiros.

Gráfico 1
Jogadores portugueses e estrangeiros, na época de 2008/2009 do Campeonato Nacional da Primeira Divisão



Fonte: *Liga Portuguesa de Futebol Profissional; websites dos clubes; website zerozero.pt*

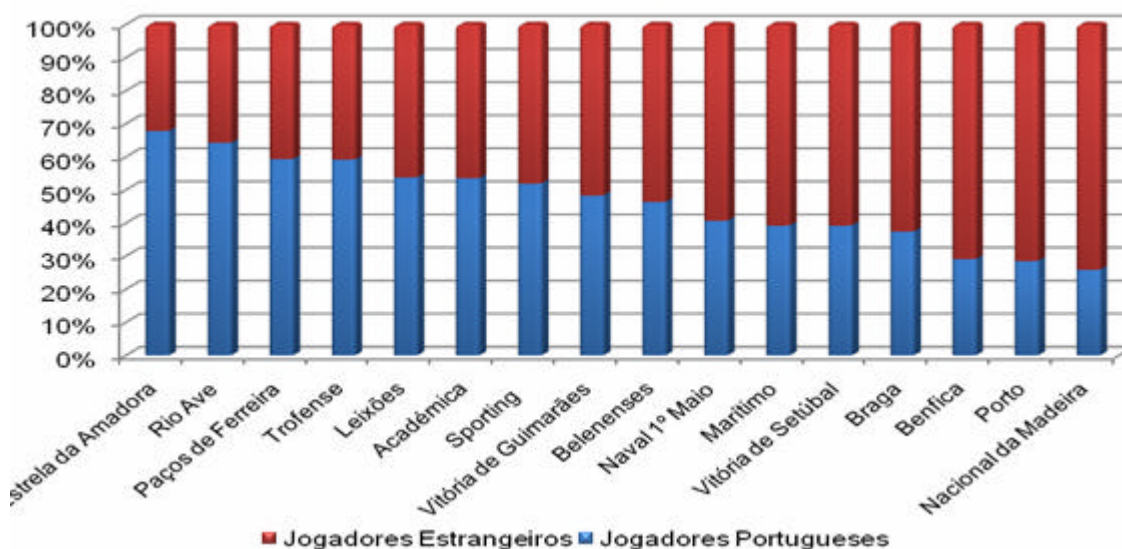
Se tivermos ainda em consideração os resultados obtidos pelos clubes no campeonato nacional, verificamos que os 3 clubes com mais jogadores estrangeiros ficaram entre os 4 melhores classificados da competição. Assim, o FC Porto, o Benfica e o Nacional da Madeira, todos com mais de 70% de jogadores estrangeiros nos plantéis, ficaram respectivamente em 1º, 3º e 4º classificados. Em contrapartida, os clubes com mais jogadores nacionais, nomeadamente o Estrela da Amadora, o Rio Ave, o Paços de Ferreira e o Trofense ficaram classificados, respectivamente, em 11º, 12º, 10º e 16º, sendo que o Trofense foi despromovido. Em face destes resultados, quase que podemos afirmar que o volume de jogadores estrangeiros é determinante na obtenção de uma boa classificação futebolística. Contudo, tal afirmação é posta em causa pelas excepções, nomeadamente o facto do Sporting ter sido 2º classificado com um plantel em que mais de metade dos jogadores são portugueses, ou o Belenenses, que foi penúltimo com um plantel com cerca de 53,6% de jogadores estrangeiros.

A legião estrangeira do futebol português é composta por um total de 37 nacionalidades, dispersas por várias áreas geográficas. Se considerarmos as zonas geográficas de influência das confederações, através das quais a FIFA estrutura o futebol a nível mundial, verificamos que, em Portugal, estão representadas 12 nacionalidades europeias pertencentes à Union des Associations Européennes de Football (UEFA), 11 nacionalidades africanas da Condédération Africaine de Football

(CAF), 8 nacionalidades sul-americanas da Confederação Sudamericana de Fútbol (CONMEBOL), 4 nacionalidades da Confederation of North, Central American and Caribbean Association Football (CONCACAF), e 2 nacionalidades asiáticas da zona Asian Football Confederation (AFC). A única confederação sem representação no principal escalão do futebol nacional é a zona da Oceânia, correspondente à Oceania Football Confederation (OFC).

Gráfico 2

Relação entre jogadores estrangeiros e nacionais, por clube, no Campeonato Nacional da I Divisão, época de 2008/2009

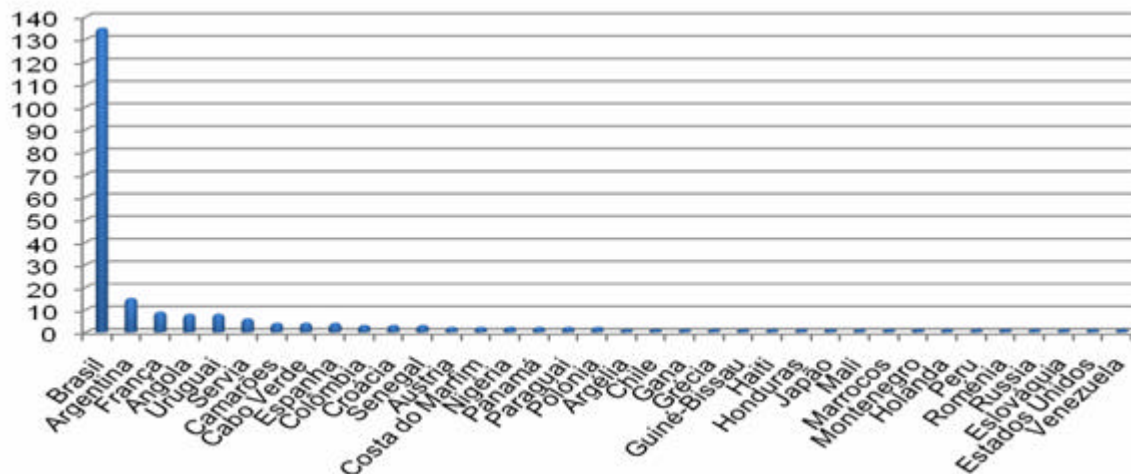


Fonte: Liga Portuguesa de Futebol Profissional; websites dos clubes; website zerozero.pt

A referência às 37 nacionalidades poderá contudo criar a ilusão do futebol português ser bastante plural, quando na realidade o que se constata é que 18 dessas nacionalidades são representadas apenas por um jogador e 6 nacionalidades são representadas por dois jogadores.

Atentando no número de jogadores por nacionalidade, verifica-se que o Brasil tem uma representação esmagadora, com 135 jogadores num total de 233. Ou seja, os jogadores Brasileiros representam 58% do total de futebolistas estrangeiros a actuar no principal escalão do futebol português. Com um número bastante mais reduzido, a segunda nacionalidade mais representada é a Argentina, com 15 jogadores, o que corresponde a 6,4% do total. Segue-se a França com 9 jogadores, o Uruguai com 8 e Angola com 7 jogadores.

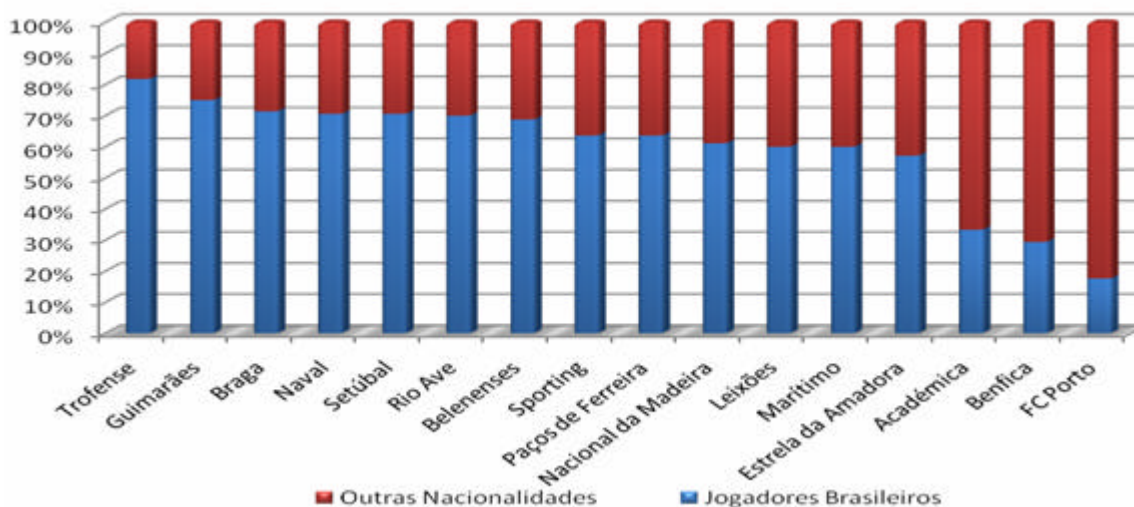
Gráfico 3
Nacionalidades dos jogadores estrangeiros no Campeonato Nacional da I Divisão, época 2008/2009



Fonte: Liga Portuguesa de Futebol Profissional; websites dos clubes; website zerozero.pt

A circunstância dos jogadores brasileiros terem uma enorme expressão no futebol nacional está associada a dois grandes factores: primeiro, o facto do Brasil ser o maior exportador de jogadores de futebol do mundo; segundo, a partilha cultural entre os dois países, ou seja, sobretudo o facto de falarem a mesma língua e a existência de uma enorme comunidade de cidadãos brasileiros no país, para além das semelhanças no estilo de jogo praticado, o que parece facilitar a inserção e contextualização dos jogadores *canarinhos*⁷ em Portugal.

Gráfico 4
Relação entre os jogadores brasileiros e os restantes jogadores estrangeiros no Campeonato Nacional da I Divisão, época de 2008/2009



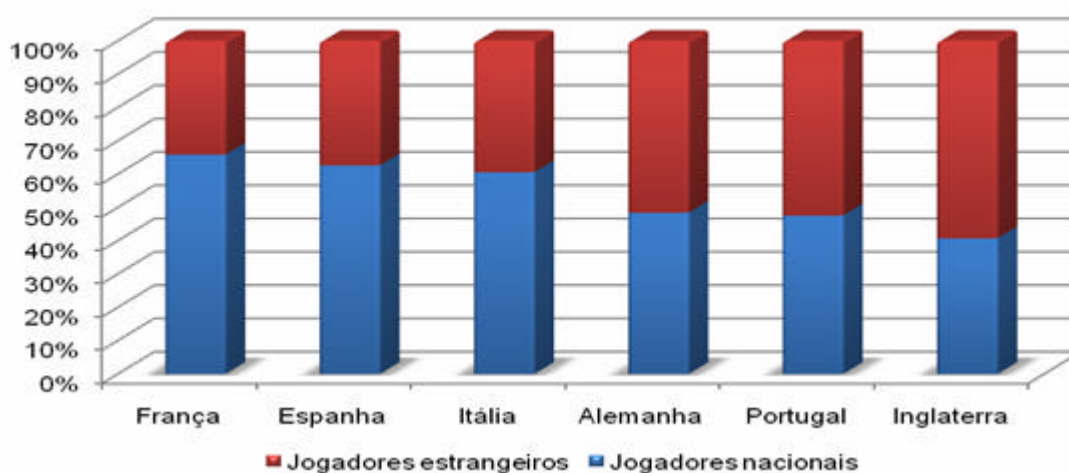
Fonte: Liga Portuguesa de Futebol Profissional; websites dos clubes; website zerozero.pt

⁷ A designação dos jogadores brasileiros como *canarinhos* deve-se ao facto da cor predominante da selecção brasileira ser o amarelo, a cor igualmente predominante nos canários.

Se compararmos a presença de jogadores estrangeiros no primeiro escalão do futebol português com idêntica situação nos 5 mais poderosos campeonatos europeus, nomeadamente Alemanha, Espanha, França, Inglaterra e Itália, verificamos que o futebol nacional é um dos que comporta mais estrangeiros. Logo a seguir à Inglaterra, onde o peso dos jogadores estrangeiros é 59,2%, surge Portugal com 52,4%. A Alemanha também tem mais de metade dos futebolistas a jogar na Bundesliga com estatuto de estrangeiros, mais concretamente 51,6%. A Liga francesa com 34,1%, a espanhola com 37,3% e a italiana com 39,4% são neste domínio muito mais conservadoras.

Gráfico 5

Relação entre os jogadores brasileiros e os restantes jogadores estrangeiros em vários campeonatos europeus, na época de 2008/2009



Fonte: Liga Portuguesa de Futebol Profissional; websites dos clubes do primeiro escalão de cada um dos países em causa; website zerozero.pt

Tudo se passa como se o mercado funcionasse como uma pirâmide de acesso cada vez mais reservado. Aos portugueses, que não chegam ao vértice da pirâmide, exige-se que descubram em tempo útil os jogadores mais talentosos.

3.2. Jogadores portugueses emigrantes

Depois das experiências mais ou menos falhadas nos anos 1970 e princípios de 1980, em que jogadores como Jordão, Oliveira, Damas, Gomes e Chalana jogaram no estrangeiro sem grande êxito, a procura de jogadores portugueses começou na segunda metade da década de 1980, altura em que Paulo Futre partiu para Espanha, logo seguido de Rui Barros para Itália. Eram os primeiros sinais da vocação exportadora do mercado português de futebol. Não foi sequer preciso esperar pela

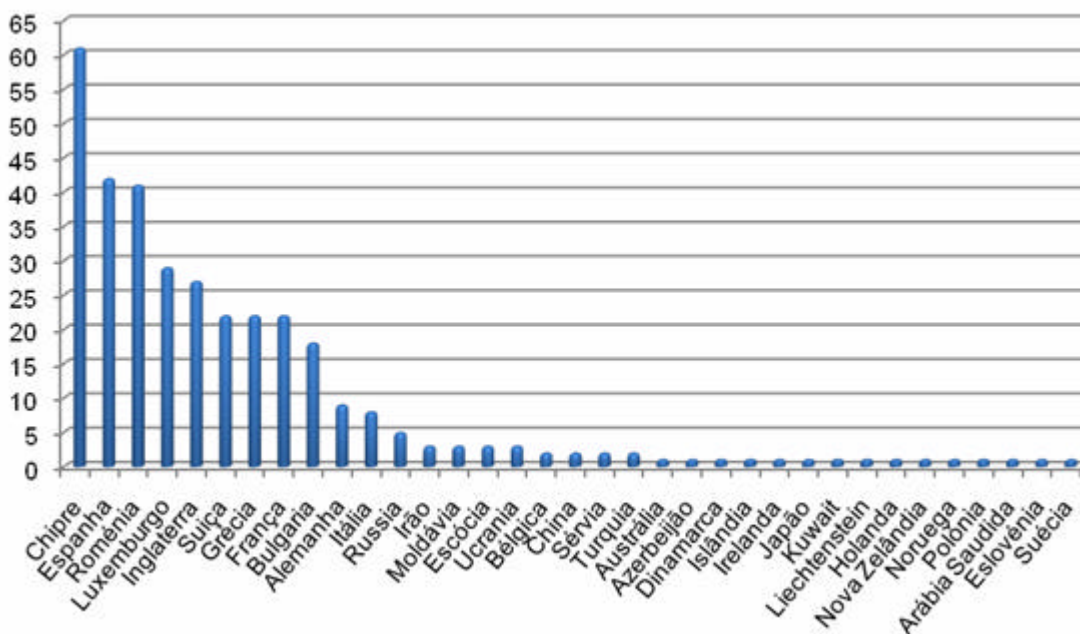
lei Bosman para se assistir à debandada de jogadores como Fernando Couto, Paulo Sousa, Rui Costa e Luís Figo, as estrelas maiores da geração de ouro do futebol português.

Em 2008/2009, o número de futebolistas portugueses a representar clubes no estrangeiro foi de 341. Entre estes atletas encontram-se nomes sonantes do futebol mundial como, por exemplo, Cristiano Ronaldo no Manchester United de Inglaterra, Luís Figo no Inter de Milão, Itália, ou Pepe no Real Madrid, Espanha. Ao mesmo tempo, entre estes 341 futebolistas encontram-se nomes completamente anónimos, tão anónimos como os clubes que representam.

Os 341 jogadores encontravam-se presentes em 35 países, com localizações tão díspares como Espanha, Nova Zelândia, Japão, Itália, Azerbaijão ou Inglaterra. Se tivermos em consideração as regiões geográficas das confederações, verificamos que os futebolistas portugueses representam maioritariamente clubes de países filiados na UEFA, sendo 28 os países europeus onde jogam portugueses. As outras regiões representadas são a Ásia, com jogadores portugueses em 6 dos seus países, e a Oceânia com um único jogador. Nas duas confederações americanas, bem como em África, não há futebolistas portugueses.

Gráfico 6

Jogadores portugueses a jogar no estrangeiro na época de 2008/2009



Fonte: *Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol*

O destino preferencial dos futebolistas portugueses é o Chipre, onde actuam 61 jogadores, o que significa 17,9% do total de futebolistas portugueses no estrangeiro.

Segue-se a Espanha, onde estão 42 futebolistas, ou seja, 12,3%. Depois vem a Roménia com 41 jogadores, o que se traduz em 12% das saídas.

Um outro dado interessante prende-se com o número de jogadores portugueses por clube estrangeiro. Assim, dos 341 futebolistas, apenas 125 se encontram sozinhos, sem compatriotas a jogar no mesmo clube. Ou seja, 216 futebolistas portugueses jogam em clubes estrangeiros com outros jogadores portugueses. Há 34 clubes onde jogam dois portugueses, 18 clubes com 3, 8 clubes com 4, sete clubes com 5, 2 clubes com 6, um clube com 7 e um clube com 8. O clube com 8 jogadores portugueses é o Doxa Katokopia da Roménia, e o clube com 7 futebolistas nacionais é o Alki, igualmente da Roménia.

Se considerarmos o prestígio associado ao nome dos jogadores, os países de destino e ainda os clubes onde actuam, verifica-se que o processo emigratório dos futebolistas portugueses cobre um largo espectro de situações. Por exemplo, no processo emigratório para as 5 ligas europeias mais poderosas, há jogadores portugueses a representar clubes que jogam declaradamente para vencerem competições internacionais, nomeadamente a Champions League, bem como o título de campeão nacional, enquanto outros jogam em clubes com aspirações a classificarem-se para as provas da UEFA, outros que estão em equipas onde se joga para não descer de divisão e outros ainda que jogam nos escalões secundários desses países. Há ainda os futebolistas que emigram para países como o Chipre ou a Roménia, onde os objectivos competitivos não vão para além das aspirações a vencerem algo competições no âmbito doméstico. Registam-se ainda saídas para países que têm apenas como pretensão contratar futebolistas estrangeiros como forma mediática de promover a modalidade.

Em todas estas circunstâncias, há estratégias pessoais de gestão de carreiras. Futebolistas que estão ainda no início da sua profissionalização e que procuram no estrangeiro a oportunidade que lhes é negada em Portugal, outros que estão em fim de carreira e procuram no estrangeiro fazer o contrato das suas vidas, outros que são filhos de emigrantes e que sempre viveram no estrangeiro e jogaram nos clubes locais, outros ainda que, começando a jogar em Portugal, adquiriram tal visibilidade que se tornou impossível para os clubes nacionais mantê-los.

4. Interpretação em jeito de conclusão das migrações de futebolistas

Segundo Norbert Elias e Eric Danning (1992: 49), para que o desporto se constitua como fenómeno sociológico, é necessário verificar-se uma inserção e visualização do

desporto no todo social. Sendo o futebol uma realidade socialmente produzida pela sociedade que lhe dá expressão, os dados acima referidos, relativos às dinâmicas migratórias do futebol português, enquanto dados sociológicos relevantes, deverão ser contextualizados na sociedade portuguesa, também ela complexa e contraditória.

Segundo Boaventura de Sousa Santos, a conjugação das práticas sociais com a actuação do Estado tornam a sociedade portuguesa uma entidade social “anómala”, porque ambígua na forma como conjuga características que a aproximam dos países mais desenvolvidos do sistema mundo, com características geralmente atribuídas aos países do terceiro mundo. Para dar conta desta ambiguidade, o autor designa a sociedade portuguesa como semiperiférica, sendo este conceito “referido a uma materialidade social específica, isto é, a um conjunto de condições sociais, políticas, económicas e culturais que caracterizam internamente a sociedade portuguesa” (Santos, 1990: 107). Essa materialidade é manifesta em significativas discrepâncias, nomeadamente entre os padrões de produção e de consumo, bem como entre os enquadramentos jurídico-institucionais e as práticas sociais. Todas estas contradições e disjunções têm sido reguladas pelo Estado, dando origem a formas de actuação sócio-políticas paradoxais. Num momento em que a territorialidade se converteu numa unidade de interacção relativamente obsoleta e descentrada face à intensificação e radicalização das interdependências e interacções globais, Portugal é significativamente afectado na sua materialidade, sujeitando-se a rápidas mudanças que potenciam os seus paradoxos e a colocam entre a fatalidade e a utopia (Santos, 2001).

A adjectivação da sociedade portuguesa como anómala, paradoxal, complexa ou fractal, torna o trabalho sociológico de observação dos fenómenos sociais que decorrem em Portugal num exercício de busca de anomalias, complexidades e paradoxos, mesmo quando esses fenómenos decorrem num amplo contexto de globalizações. Também na junção do fenómeno migratório com o desportivo se pode aplicar o mesmo exercício: sendo que os processos migratórios sempre foram um fenómeno marcante, quer pelo volume, quer pelo impacto social e económico na sociedade portuguesa (Baganha e Góis, 1999: 230), também o futebol nacional é intensamente marcado pelas dinâmicas migratórias. Em Portugal, os processos migratórios caracterizam-se pela existência, em simultâneo, de fluxos de entrada e de saída de migrantes com perfis económicos semelhantes (Baganha, 2001: 142), podendo esta realidade ser igualmente constatada no domínio dos fluxos migratórios dos futebolistas. Sendo feita uma análise detalhada do perfil médio dos jogadores nacionais que emigram e dos jogadores estrangeiros que imigram para Portugal,

provavelmente constata-se que o seu perfil técnico e competitivo não é dos mais relevantes no panorama internacional, havendo consequentemente muitas semelhanças nos seus desempenhos e competências.

Os processos migratórios de desportistas reforçam a condição semiperiférica da sociedade portuguesa. Ou seja, este processo migratório, na sua vertente de imigração mostra Portugal como um país com aspiração a ser central no sistema mundo, mas que não é tão central como os outros, ficando isso patente no nome pouco significativo dos jogadores que são contratados para jogar nos torneios domésticos. Por outro lado, na vertente emigratória, para além de se venderem os jogadores estrangeiros que adquiriram alguma projecção em Portugal, são exportados os melhores jogadores nacionais para torneios mais competitivos quer desportiva, quer financeiramente. Tal como noutros domínios migratórios (Baganha, 2001: 147), também no âmbito futebolístico Portugal constitui-se como uma “placa giratória” entre centro e a periferia distribuindo mão-de-obra consoante a estrutura em que opera, reforçando a sua condição semiperiférica.

Referências Bibliográficas

- Appadurai, Arjun (1990), “Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy”, in Mike Featherstone (org.), *Global Culture*. Londres: Sage, 295-319.
- Baganha, Maria Ioannis (2001), “A cada Sul o seu Norte: Dinâmicas Migratórias e Portugal”, in Boaventura de Sousa Santos (org.). *Globalização. Fatalidade ou Utopia?* Porto: Afrontamento, 135-159.
- Baganha, Maria Ioannis; Góis, Pedro (1999), “Migrações Internacionais de e para Portugal: o que sabemos e para onde vamos?”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 52/53, 229-280.
- Bale, John; Maguire, Joseph (orgs) (1994), *The Global Sports Arena: Athletic Migration in an Interdependent World*. Londres: Taylor & Francis.
- CISION (2009), Repetição de Palavras na Imprensa em 2008, <<http://www.cisionmediapoint.com/pressReleases>>, acedido em 20 de Junho de 2009.
- Coelho, João Nuno (2001), *Portugal: a Equipa de Todos Nós*. Porto: Afrontamento.
- Elias, Norbert; Dunning, Eric (1992), *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel.
- FIFA (2009), *Copa do Mundo da FIFA, Alemanha 2006*. Federation International Football Association, <<http://pt.fifa.com/worldcup/archive/germany2006/teams/index.html>>, acedido a 3 de Julho de 2009.
- Lanfranchi, Pierre; Taylor, Matthew (2001), *Moving with the ball. The Migrations of Professional Footballers*. Oxford: Berg.
- Maguire, Joseph e David Stead (1998), “Border Crossing: Soccer Labour Force Migration and the European Union”. *International Review for the Sociology of Sport*, 33, 59-73.

Maguire, Joseph; Pearton, Robert (2000), "Global Sport and the Migration Patterns of France '98 World Cup Finals Players: Some Preliminary Observations", *Soccer & Society*, 1 (1), 175-189.

Markttest. 2009. "Mediamonotor", <http://www.markttest.pt/produtos_servicos/Mediamonitor>, acedido a 30 de Junho de 2009.

Murphy, Patrick *et al.* (1994), *O Futebol no Banco dos Réus: Violência dos Espectadores num Desporto em Mudança*. Oeiras: Celta Editora.

Nolasco, Carlos (2002), "O desportivismo institucional do desporto", *in* José Manuel Pureza e António Casimiro Ferreira (orgs.), *A Teia Global, Movimentos Sociais e Instituições*. Porto: Edições Afrontamento, 281-302.

Nys, Jean-François (1996), "La Foire aux Médailles", *Manière de Voir*, 30, 15-17.

Pedneau, Marie-Hélène (2005), *Les flux migratoires sportifs des pays du sud vers les pays du nord*. Laval: Université Laval.

Santos, Boaventura de Sousa (1990), *O Estado e a Sociedade em Portugal (1974-1988)*. Porto: Afrontamento.

Santos, Boaventura de Sousa (1997), "Uma concepção multicultural de direitos humanos", *Lua Nova*, 39, 105-124.

Santos, Boaventura de Sousa (org.) (2001), *Globalização, Fatalidade ou Utopia?* Porto: Afrontamento.

Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol (1996), *O mercado de trabalho dos jogadores profissionais de futebol*. Lisboa: Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol.

Nota biográfica

Carlos Nolasco é doutorando em Sociologia pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, tem o CES como instituição de acolhimento. É licenciado em Sociologia e Mestre também pela FEUC. Profissionalmente foi assistente de investigação no CES, docente do ensino superior em diversas instituições, e Presidente de Direcção da Escola Superior de Educação Jean Piaget de Viseu. Tem vínculo laboral com o Instituto Piaget, encontrando-se actualmente em situação de licença sem vencimento por beneficiar de uma bolsa de doutoramento da FCT.

Contacto: cmsnolasco@gmail.com